



DECOLONIZANDO SABERES: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA EM LÍNGUA DE SINAIS PARA ALUNOS SURDOS

DECOLONIZING KNOWLEDGE: THE IMPORTANCE
OF SIGN LANGUAGE LITERATURE FOR DEAF STUDENTS

Kleber Martiniano Costa¹
Universidade Federal da Bahia

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar algumas considerações sobre a importância e função da literatura em língua de sinais para a construção identitária de alunos surdos. No Brasil, há vinte anos, a Libras – Língua Brasileira de Sinais está instituída como língua de comunicação e expressão da comunidade surda através da Lei nº 10.436/2002 e, desde então, um árduo trabalho vem sendo desenvolvido por profissionais da área para que se faça valer a Lei da Libras nos mais diversos ambientes. A literatura surda – criada em Libras – tem um papel fundamental na formação da identidade dos alunos surdos pelas representações culturais dessa comunidade. Por ela, é possível demonstrar que a surdez pode ser vista apenas como uma diferença linguística e não como uma deficiência, assim como apregoa a visão clínica, pois a Libras possui as mesmas funções e características das línguas orais. Além disso, para alunos surdos, a literatura surda traz consigo o poder da ludicidade, da imaginação e do autorreconhecimento como sujeitos de valor em uma sociedade majoritariamente ouvinte. A pesquisadora e professora Dra. Lodenir Karnopp, juntamente com o poeta surdo Dr. Cláudio Mourão exploram em diversos materiais a relevância de ofertar literatura surda para que cada vez mais pessoas surdas se sintam protagonistas da própria história.

Palavras-Chave: Literatura surda; Identidade surda; Libras e literatura.

¹ Endereço eletrônico do autor: kmartiniano@gmail.com

Abstract: *This article aims to present some considerations about the importance and function of sign language literature for the construction of deaf students' identity. In Brazil, for twenty years, Libras - Brazilian Sign Language has been established as a language of communication and expression of the deaf community through Law nº 10.436/2002 and, since then, an arduous work has been developed by professionals in the area in order to enforce the Libras Law in the most diverse environments. Deaf literature – created in Libras – plays a fundamental role in shaping the identity of deaf students through the cultural representations of this community. Through it, it is possible to demonstrate that deafness can be seen only as a linguistic difference and not as a disability, as the clinical view claims, as Libras has the same functions and characteristics as oral languages. In addition, for deaf students, deaf literature brings with it the power of playfulness, imagination and self-recognition as subjects of value in a mostly hearing society. Researcher and professor Dr. Lodenir Karnopp, together with the deaf poet Dr. Cláudio Mourão, explore in various materials the relevance of offering deaf literature so that more and more deaf people feel protagonists of their own history.*

Keywords: *Deaf Literature; Deaf identity; Libras and Literature.*

Literatura Surda é o termo que se dá para a literatura que é produzida por surdos, com surdos e/ou para os surdos em língua de sinais. Não se trata de uma terminologia nova se considerarmos que pessoas surdas produzem suas literaturas em língua de sinais para contarem causos, histórias, narrativas, piadas, contos infantis e tantas outras situações literárias que possam acontecer desde sempre.

Assim como acontece em uma família de ouvintes, famílias com algum membro surdo buscam vivenciar a experiência sensorial que a literatura oferece de viajar com a imaginação, de fantasiar vidas diferentes, em lugares diferentes, com pessoas diferentes, alterando apenas a maneira de transmissão desse conteúdo: de forma oral-auditiva para ouvintes e de forma visual-espacial para surdos. Seja de que forma for, a literatura ensina deleitando e/ou deleita ensinando em processos simbólicos fundamentais para a formação do indivíduo.

Para Lodenir Karnopp, uma das principais estudiosas sobre literatura surda no Brasil, “literatura surda tem uma tradição diferente, próxima a culturas que transmitem suas histórias oral e presencialmente. Ela se manifesta

nas histórias contadas em sinais”, e tal interesse efervescente sobre o assunto começou “principalmente a partir do reconhecimento da Libras e do desenvolvimento tecnológico, que possibilitaram formas visuais de registro dos sinais” (KARNOPP, 2008, p. 2). A literatura visual pode ser dividida de acordo com seus processos de tradução, adaptação e criação. Segundo Porto e Peixoto (2011, p. 168-169) podemos considerar:

Na atualidade, podemos considerar três tipos de produções literárias visuais: a literatura traduzida está relacionada à tradução para a língua de sinais dos textos literários e escritos; a literatura adaptada é fruto das adaptações dos textos clássicos à realidade dos surdos e, por fim, o tipo que realmente representa o resgate da literatura surda que é a produção de textos em prosa e verso feitos por surdos. (PORTO; PEIXOTO, 2011, p. 168-169)

Ao pensar sobre o conceito de literatura e como esta é essencial para a humanidade, podemos considerar a seguinte situação: e se não houvesse a literatura? E se por algum motivo metafísico, astral ou religioso a literatura não tivesse sido criada? Como seria o mundo se apagássemos das nossas mentes tudo que se enquadra no processo literário de todos nós, de cada um de nós? Se riscássemos da história acontecimentos como as primeiras histórias da Grécia antiga ou se Cervantes não tivesse escrito seu *Dom Quixote*? Como seria nosso mundo sem a literatura de Manuel Bandeira, Castro Alves, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meirelles, Saramago, Clarisse Lispector, Jorge Amado, Leminski e Conceição Evaristo?

Muitas pessoas surdas vivenciam essa experiência de não ter a literatura em suas vidas pelo simples fato de não ter a oportunidade de conhecê-la em sua língua de conforto: a língua de sinais. De acordo com o último Censo 2010 do IBGE, no Brasil, quase 10 milhões de pessoas possuem algum grau de surdez.

Esse grau pode variar² desde a surdez leve, levando a pessoa a poder – caso queira – usar algum tipo de aparelho auditivo e continuar com o uso da língua portuguesa em sua modalidade oral, até a surdez profunda, em que a pessoa não ouve nenhum tipo de estímulo auditivo e, nesse caso, ter a língua de sinais como língua de comunicação e expressão com o mundo que a cerca. Ambas as línguas (português e Libras) são capazes de proporcionar ao seu usuário a possibilidade de interação, aprendizados e vivências, pois, além da questão linguística (gramática, regras, contexto etc.), as línguas também são elementos culturais e que marcam de forma profunda seus interlocutores, possuem gramática própria e conseguem exprimir qualquer tipo de conceito, experiência e sentimentos.

A Libras e a cultura surda estão intrinsicamente ligadas pela questão visual, pela forma da pessoa surda enxergar, analisar e entender o mundo por sua visão. Para Perlin e Miranda (2003, p. 218):

[...]ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual. Experiência visual significa a utilização da visão (em substituição total da audição) como meio de comunicação. Dessa experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. (PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 218)

Nesse sentido, podemos considerar que a literatura surda, por estar voltada ao atendimento do público surdo, também é uma literatura visual e deve ser expressa em língua de sinais, haja vista que o uso das línguas

² No Brasil, o Decreto nº 5.296/2004 define como deficiência auditiva a perda de audição de forma bilateral (nos dois ouvidos) acima de 41 decibéis (dB) verificado por meio de um exame de audiometria. Contudo, os níveis limiares para caracterizar os graus de severidade da surdez podem variar da seguinte forma: deficiência auditiva leve: perda entre 25 e 40 dB; deficiência auditiva moderada: perda entre 41 e 70 dB; deficiência auditiva severa: perda entre 71 e 90 dB; e deficiência auditiva profunda: perda acima de 90 dB.

visuoespaciais – como a Libras – é a marca maior de representação da cultura e identidade surda.

A literatura surda trata da vida dessa comunidade, mostra os dilemas, problemas e situações dos surdos em sociedade e, nas palavras de Mourão (2016, p. 194), “trata da história de vida dos surdos, sendo baseada em documentos ou testemunhos, para transmitir a sua forma de identificação, sua luta, a colonização pela ‘língua falada’ tanto na sociedade quanto na escola, do passado até os dias de hoje”.

Quando um aluno surdo encontra em sua realidade escolar um professor que lhe ofereça a possibilidade de conhecer as diversas faces que a literatura pode assumir, um mundo de possibilidades e conquistas se abrem para que este faça parte. Mas, a realidade é que ainda se tem uma quantidade escassa de pessoas e profissionais que dominam a Libras. Até mesmo em famílias onde vive uma pessoa surda, na maioria das vezes, o surdo não possui interlocutores em língua de sinais. Seus pais, irmãos, tios, avós e todo o círculo familiar conhecem e usam apenas a língua oral como meio de comunicação, deixando, por vezes, isolada e sozinha. Assim, nesse contexto, possivelmente essa criança ou adolescente surdo perderá bastante do processo comunicacional e não experenciará, por exemplo, uma contação de histórias em Libras de seus pais ou avós, assim como normalmente acontece nas famílias ouvintes.

Não ter acesso à literatura em sua própria língua é limitante no que se refere à condição humana de ser, de imaginar, de entender o mundo de forma lúdica e criativa. Quando Candido (1995, p.24) em seu ensaio *O direito à literatura* escreve que “a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” e que “não há povo e não há homem que possa viver sem ela” está nos exortando sobre essa condição da literatura como algo que nos compõe, como órgão interno de nossa existência, sem distinção de pessoas e suas condições de existência. Por isso, é crucial que

crianças surdas tenham contato com a literatura surda, desde a mais tenra idade, com sua família e, principalmente, na escola.

A decolonialidade pode acontecer quando diante da ludicidade trazida pela literatura, professores das diversas competências escolares, possam oferecer ao aluno a possibilidade de debater sobre sua vida, seus valores, suas emoções e tantos outros assuntos que possam ser abordados. Segundo Costa et al. (2021, p. 31):

Ser decolonial é estar atento e reflexivo em todas as falas, sinais, práticas pedagógicas, textos, imagens que possam refletir algum tipo de preconceito, racismo, machismo, sexismo e tantos outros estigmas que a sociedade traz de forma arraigada e, por vezes, sistêmica. É buscar o modo mais plausível de decolonização sobre a demanda de um material didático-pedagógico voltado à comunidade surda que não apresente apenas um determinado biotipo imagético de pessoas (representatividade de raças, gêneros e cenários); ou fale de realidades temáticas que possam ser concretas para uma quantidade maior de alunas e alunos em um maior campo de lugares e regiões no país (diversificar e pluralizar conceitos como família, identidades e territorialidades); ou ainda identificar novos olhares para a construção de saberes (sair da perspectiva eurocentrada da percepção do mundo e ampliar as possibilidades de ensino, aprendizado e conhecimento). (COSTA ET AL., 2021, p. 31)

Assim, a literatura surda pode se apresentar como modo, forma e conteúdo para um processo de construção de saberes decolonizados em suas temáticas e práticas, pois a professora e professor habilitado em Libras consegue suscitar diversos debates e, sobretudo, trazer a aluna e aluno surdo para o lugar central da discussão, colocando-os como protagonistas. Assim, a literatura em Libras pode ser o modo pelo qual o professor despertará a curiosidade de seus alunos surdos, oferecendo-lhes desde os clássicos literários traduzidos para a Libras até poesias criadas por poetisas e artistas surdos. A forma se apresenta por textos visuais, em Libras, produzidos pelos próprios alunos ou disponíveis em plataformas de vídeos na internet. O aluno se sentirá à vontade para expor suas dúvidas e opiniões expressando-se em língua de

sinais, de maneira espontânea e livre. Os conteúdos a serem trabalhados pelos professores poderão ser diversos e plurais, mas sempre com ênfase no ponto de vista da comunidade surda, sua cultura e identidades.

A questão identitária ganha força e pode ajudar aos alunos a passarem por um processo de autorreconhecimento e aceitação de si. Por estarem inseridos em uma sociedade majoritariamente ouvinte, muitas pessoas surdas ainda se veem como deficientes e incapazes e vivem um isolamento social severo e cruel. Muitas vezes não se aceitam e buscam formas de se “enquadrarem” para serem aceitos em seus círculos de convivência. Nicholls (2016, p. 52) faz a relação de literatura surda e identidade e indica a importância do protagonismo surdo oferecido pela literatura em Libras:

[...] o discurso literário assume um lugar de identidade própria, marcada por um tempo/local na sociedade. O campo da literatura surda reflete a necessidade de o surdo definir a sua própria identidade e construir uma consciência do que é ser surdo. No contexto literário isso se realiza a partir do momento em que o surdo se assume como sujeito da enunciação de sua própria história e como ser que se constitui pela experiência visual, libertando-se da imagem estigmatizada de que suas manifestações sejam “coisa de surdo”, forma como são denominadas pelos ouvintes. A literatura surda tem, então, como principal característica a presença de uma identidade atribuída ao surdo pelo surdo, desprendendo-se daquela imagem atribuída pelo outro (em geral, ouvinte), e assume o desafio da escrita de sua história. (NICHOLS, 2016, p. 52)

Vemos que literatura surda, cultura e identidade surda fazem parte de uma mesma trama, se entrelaçam, se tocam e participam diretamente da constituição da autoimagem que uma pessoa surda pode (ou não) fazer de si. Assim, quanto mais o aluno conhecer e saber sobre si e seus pares, mais artefatos terá em mãos para reconhecer-se como pessoa de valor, independentemente de qualquer condição e a literatura pode ser o segredo desse enigma.

A literatura surda pode ser considerada decolonial pelo simples fato de existir, pois questiona o próprio valor e nos faz refletir sobre os espaços que ela ocupa. Carvalho (2019, p. 156) eleva a discussão ao questionar se textos em Libras ou em outras línguas presentes no território brasileiro podem ser consideradas como literatura brasileira, trazendo à tona o questionamento sobre a importância que efetivamente a damos. Ele relata:

No terreno específico dos estudos da surdez e das manifestações literárias que têm sido produzidas (filmadas) em Língua Brasileira de Sinais, esta dupla inscrição (brasileiro/surdo) produz um efeito interessantíssimo e que deve ser estudado e interpretado. Tal efeito desafia o uso geopolítico e imperialista do fazer literário. No caso das produções textuais realizadas em Libras [...] o próprio conceito de “literatura brasileira” será colocado em questão. Serão tais textos de “literatura brasileira”? Haverá “literatura brasileira” produzida em outra língua que não o Português? Haverá casos semelhantes ao caso da Libras, como, talvez, produções literárias de quilombolas, pomeranos, populações indígenas, grupos geográfica ou culturalmente de fronteira? [...] Curiosamente, tais indagações não estão muito presentes entre os produtores e estudiosos de obras sinalizadas em Libras e, muito menos, de Literatura Surda. E não estão presentes justamente porque predomina a perspectiva universalista e essencialista que postula a existência de uma Literatura Surda. É como se criadores e intelectuais surdos e de obras em Libras abrissem mão de ser nacionais para serem surdos. (CARVALHO, 2019, p. 156)

A importância da literatura surda está principalmente em tornar presente uma comunidade que por muitos anos fora negligenciada e esquecida. A presencialidade faz com que a comunidade surda busque representatividade. É ela que sugere ao sujeito surdo sair do isolamento, da invisibilidade social e a mostrar-se como ser cultural, que escreve, dança, faz poesias em língua de sinais e que tem muito mais a ensinar do que aprender. A Libras permite tudo isso. No orgulho de serem quem são, os surdos vão trilhando caminhos diferentes, deixando de lado o negacionismo da surdez tão comum em suas realidades e vivenciando a máxima de que surdos podem estar onde eles quiserem. “Literatura para quê?”, questiona Antonie Compagnon em seu texto

de mesmo nome. No caso da literatura surda, podemos concluir que é para representar, vigorar, empoderar e deleitar um povo que esteve à margem durante séculos.

Além disso, a literatura surda nos coloca frente a frente com nossos preconceitos sobre o que pode ser literatura e até onde ela pode chegar. Nos faz refletir sobre questões da acessibilidade linguística, a encarar a surdez como uma condição de estar no mundo e não mais como uma deficiência, nos indica a importância da Libras como língua de uma comunidade dentre as que são chamadas de “minorias sociais” e nos cobra o respeito que deveríamos para com essa língua e todas as outras que coabitam em nosso território nacional. A identidade surda ganha espaço para se apresentar e se integrar, levando toda a sociedade a uma reflexão mais aprofundada sobre as diferenças, pois, nas palavras de Skliar (1998): o problema não é a surdez, os surdos, não são as identidades surdas, não é a língua de sinais, mas sim as representações dominantes, hegemônicas e “ouvintistas”³ sobre as identidades surdas e a língua de sinais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura e a identidade surda devem ser respeitadas, fazendo valer todas as situações que se referem à inclusão das pessoas surdas nos mais diversos ambientes possíveis. A presença da língua de sinais nas universidades, teatros, palestras, shows, programas de TV, cultos religiosos e tantos outros espaços deveria ser algo corriqueiro, entretanto, estamos longe de atingir esse patamar. Ofertar a literatura em Libras para alunas e alunos surdos é dar a eles a possibilidade de conhecer o mundo de uma maneira especial, assim como

³ O termo ouvintista ou ouvintismo, segundo Skliar, é usado para representar “um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte”.

acontece com a maioria das pessoas ouvintes. A literatura pode ser um suporte, apoio e o modo de fazer valer a(s) identidade(s) surdas para que cada vez mais esses alunos possam se sentir protagonistas da própria história.

De um modo geral, percebemos que há alguns pontos considerados comuns que abrangem o escopo da literatura surda, a saber: as questões visuais, narra histórias de e dos surdos, abordam aspectos da cultura e identidade surda e são produzidas ou executadas em Libras. O povo surdo viveu uma condição de invisibilidade e teve sua história rasurada em diversos momentos que a sociedade resolveu ignorá-lo. Sempre estiveram presentes, mas quase nunca puderam tomar suas próprias decisões, falarem por si e decidirem sobre suas próprias questões sociais, educacionais e políticas. O processo ouvintista sempre prevaleceu, inclusive no campo da literatura. Por isso, torna-se fundamental abordar a temática da literatura surda, abrindo assim, a possibilidade dos estudos literários para novos olhares e possibilidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto Nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004. Dispõe sobre normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, D.F., 02 dez. 2004. p. 23. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm Acesso em: 04 de fev. de 2022.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, ANTONIO. *Vários escritos*. 3.ed. ver. ampl. São Paulo: Duas Cidades, p. 24, 1995.

CARVALHO, Luiz Claudio da Costa. *Lendas da identidade: o conceito da literatura surda em perspectiva*. 1. Ed. Curitiba: Appris Editora, p. 156, 2019.

COMPAGNON, Antonie. *Literatura para quê?* Trad. Laura Taddei Brandini, Belo Horizonte, ed. UFMG, 2009.

COSTA, Kleber Martiniano et al. Educação bilíngue para surdos: tudo certo como dois e dois são cinco. *Grau Zero — Revista de Crítica Cultural*, v. 9, n. 1, 2021, p. 23-49, nov. de 2021. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/grauzero/issue/view/603> Acesso em: 31 de jan. de 2022.

DEFICIÊNCIA AUDITIVA. Fiocruz, 2007. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/deficiencia-auditiva.htm> Acesso em: 31 de jan. de 2022.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Censo 2010.

KARNOPP, Lodenir. *Literatura Surda*, Florianópolis, p. 2, 2008.

MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. *Literatura surda: experiência das mãos literárias*, 2016, 286 p. UFRGS, Porto Alegre.

NICHOLS, Guilherme. *Literatura Surda: além da língua de sinais*. 2016, 184 p., *Literatura surda*, Faculdade de educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

PERLIN, Gladis. MIRANDA, Wilson. *Surdos: o narrar e a política, ponto de vista*, Florianópolis, n.5, p. 217-226, 2003.

PORTO, Shirley; PEIXOTO, Janaína. *Literatura Visual*. 2011. Disponível em: <http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/literatura_visual__1330351986.pdf>. Acesso em: 05 de fev. de 2022.

SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 2. Ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 07 de fevereiro de 2022.

Aprovado em sistema duplo cego em: 12 de julho de 2022.